

## A cultura do Congo Capixaba: entre práticas e documentos

*The culture of Congo Capixaba: between practices and documents*

**Philippe Peterle Modolo**

Mestrando em Ciência da Informação na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ES, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9278-4337>

E-mail: [philippemodolo13@gmail.com](mailto:philippemodolo13@gmail.com)

**Maira Cristina Grigoletto**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, campus de Marília; Docente na Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil.

E-mail: [magrijo@hotmail.com](mailto:magrijo@hotmail.com)

**Rosa da Penha Ferreira da Costa**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Professora adjunto do Departamento de Arquivologia, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ES, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5383-6723>

E-mail: [rosadapenha2012@gmail.com](mailto:rosadapenha2012@gmail.com)

**Taiguara Villela Aldabalde**

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília – UnB; Docente na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ES, Brasil.

E-mail: [taiguara.aldabalde@ufes.br](mailto:taiguara.aldabalde@ufes.br)

### Resumo

Este estudo reflete sobre o Congo Capixaba por meio das práticas documentárias do programa de extensão Entre Comunidades, da Universidade Federal do Espírito Santo, tomando como base o conceito de cultura desenvolvido por Kelvin L. White em 2017. O principal objetivo é pensar o Congo Capixaba como cultura nos termos do autor, a partir dos documentos produzidos e mediados no âmbito do Entre Comunidades. De forma específica, busca-se: identificar as práticas documentárias realizadas pelo programa; mapear os símbolos, os heróis, os rituais, os valores e as performances do Congo, por meio das práticas de mediação cultural e das realizadas pela comunidade; e analisar os efeitos dessa documentação para a continuidade dos rituais do Congo e como potencializadora das ações de mediação. Realizou-se pesquisa exploratória e descritiva, quanto aos objetivos, e de abordagem quantitativa-qualitativa. Procedeu-se às pesquisas bibliográfica, documental e arquivística, com análise de conteúdo para o tratamento dos resultados. Por meio da análise da documentação investigada, foi possível apreender os principais aspectos da cultura do Congo Capixaba, bem como contabilizar e categorizar diferentes práticas de mediação cultural nas comunidades atendidas. Concluiu-se que a documentação contribui para a permanência da cultura do Congo Capixaba e que a mediação cultural complementa as práticas documentárias, produzindo efeitos sobre a vida e a memória das comunidades.

**Palavras-chave:** Congo capixaba; mediação cultural; cultura; práticas documentárias

### Abstract

This study reflects on the Congo Capixaba by the documentary practices of the Entre Comunidades extension program, at the Federal University of Espírito Santo, based on the concept of culture developed by Kelvin L. White in 2017. The main objective is to think about the Congo Capixaba as a culture in the author's terms, based on documents produced and mediated within the scope of the Entre Comunidades. Specifically, it seeks: to identify the documentary practices carried out by the program; to map the symbols, heroes, rituals, values, and performances of Congo, by cultural mediation practices and by those performed by the community; and to analyze the effects of this documentation on the continuity of Congo rituals and as an enhancer of mediation actions. Exploratory and descriptive research was carried out, regarding the objectives, and with a quantitative-qualitative approach. Bibliographic, documentary, and archival research was carried out, with content analysis for processing the results. By analyzing the investigated documentation, understanding the main aspects of the culture of Congo Capixaba was possible, as well as counting and categorizing different cultural mediation practices in the served communities. In conclusion, documentation contributes to the permanence of the culture of Congo Capixaba and cultural mediation complements documentary practices, producing effects on the life and memory of communities.

**Keywords:** Congo capixaba; cultural mediation; culture; documentary practices

## 1. Introdução

No *locus* investigativo “Arquivo e Sociedade”, apontado em *Research in Archival Multiverse* por Gilliland, McKemmish e Lau (2017), busca-se refletir a relação entre o Congo praticado nas comunidades tradicionais<sup>1</sup> do Estado do Espírito Santo e os documentos arquivísticos, particularmente sobre o ato de produção e mediação documental e seus impactos para a preservação das práticas culturais das bandas de Congo.

White (2017) considera a cultura como a principal ferramenta pela qual os indivíduos produzem poder social. Nesse contexto se inserem os arquivos enquanto artefatos de cultura, cujos significados, critérios e funções são vistos como construtos culturais. Nesse sentido, a maneira como os arquivos se manifestam e se organizam são moldados pela cultura, significando que um arquivo pode ser um edifício, mas também pode assumir a forma de um corpo intangível de narrativas, canções, danças ou rituais criados e realizados pela comunidade como atos de memória e registro, de forma a garantir e demonstrar sua confiabilidade e autenticidade. A cultura é intangível e não pode ser arquivada. No entanto, manifesta-se através das atividades humanas e seus registros constituem o objeto sobre o qual este estudo se desenvolve.

O Congo ocorre no território capixaba<sup>2</sup> oficialmente desde 1830, podendo ser considerado uma cultura nos termos de White (2017), pois contém práticas, representações, expressões, signos, ritos, itinerários, dança típica, ritmos, valores, crenças, etnias, instrumentos e objetos de valor simbólico. Registra-se a prática das bandas de Congo em grande parte dos municípios do estado do Espírito Santo. Esta pesquisa se limita a analisar aqueles atendidos pelas ações de extensão do programa Entre Comunidades (PEC), notadamente os municípios de São Mateus, localizado no norte do estado, e Ibirapu, Vitória e Araçatiba, distrito da cidade de Viana, compondo a região metropolitana da Grande Vitória. Por vezes, os membros dessa cultura se organizam em associações, sendo as mais relevantes: Banda de Congo de Fundão,

---

<sup>1</sup> “As comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital [...]. Nelas, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato” (Costa Filho, 2010, p. 4). “[...] só podem se afirmar como são, em sua singularidade e diferença, pelo pertencimento a um determinado território que propicia a todos os seus membros compreenderem-se como parte de uma coletividade com historicidade e territorialidade próprias” (Costa, 2011, p. 56).

<sup>2</sup> O termo capixaba tem origem na língua tupi, falada pelos povos originários que residiam na região atualmente ocupada pela capital do estado do Espírito Santo. Seu significado designa “roça, roçado, terra limpa para plantação”. Com o tempo, passou a designar os habitantes do estado (Capai, 2009).

Banda de Congo de Timbuí, Banda de Congo Mirim de Timbuí, e Banda de Congo de Piabas/Irundi.

Ao relacionarmos os artefatos da cultura do Congo com a ideia de patrimônio é oportuno o pensamento de Smith (2021, p. 142) que o considera “[...] uma performance, [...] um momento de ação, não algo congelado em uma forma material”. Na concepção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), “[...] uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio intangível é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o” (Unesco, 2003, p. 5-6).

Em atenção a esses apontamentos, o objetivo geral deste estudo é pensar o Congo capixaba como cultura, nos termos de White (2017), e identificar as práticas documentárias realizadas pelo PEC e os efeitos da documentação produzida, no âmbito de suas atividades, para a manutenção e permanência dessa cultura. Essas atividades se referem ao campo de ação extensionista, vinculada à pró-reitora de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), assim registrado no portal de projetos:

O programa Entre Comunidades, classificado nas áreas de Cultura e Educação, realiza atividades propondo o fortalecimento da relação UFES com as comunidades, os movimentos sociais e culturais, e discentes de classes populares favorecendo trocas solidárias entre os saberes e fazeres populares e a academia, integrando diferentes iniciativas e projetos existentes na UFES e demais setores da sociedade. (UFES, 2015)

Dentre os objetivos específicos do programa, observa-se a intencionalidade em produzir um acervo documental para a divulgação por meio da difusão e da mediação das informações registradas das práticas culturais das Bandas de Congo. Como destacam, as ações visam:

[...] aproximar a Universidade das comunidades populares; Apresentar ao público fotos do acervo do Programa, por meio do trabalho realizado durante a cobertura das manifestações culturais; Incentivar a manutenção e a transmissão das expressões artísticas produzidas pelas comunidades e grupos culturais (UFES, 2015).

Dado que somente os registros das culturas dos povos e comunidades tradicionais praticantes das Bandas de Congo não são suficientes para permanência dessas culturas plurais, pois “[...] a cultura não pode ser arquivada, por si só, mas as manifestações ou evidências da cultura podem” (White, 2017, p. 360), como objetivo específico, busca-se mapear os símbolos, os heróis, os rituais e os valores mediados nas práticas que, por sua vez, assumem a forma do *corpus* intangível de narrativas, canções, danças e rituais criados e performados pela comunidade, elementos vitais para a perpetuação dessa cultura.

## 2. Metodologia

Como caminho para alcançar o objetivo apresentado, adota-se a reflexão sobre a cultura do Congo, materializada nos arquivos do PEC, a partir do Modelo de Concepção da Cultura em White (2017). Assim, procedeu-se à pesquisa bibliográfica com recorte temático sobre a cultura das Bandas de Congo, a partir dos estudos de Lins (2009) e Capai (2009). Além disso, foram consideradas as noções de patrimônio em Smith (2021), estudos étnicos e práticas arquivísticas em White (2017), mediação cultural em Aldabalde e Rodrigues (2015), práticas culturais e de representação em Chartier (2002) e gesto documentário em Pianezza (2018).

Considerando que o trabalho não é puramente teórico, vale destacar que, somada à pesquisa reflexiva, encontram-se procedimentos investigativos documentais com recorte temporal de 2005 a 2019. Uma vez que o termo “métodos de pesquisa arquivística”, no sentido de pesquisa com material de arquivo, parece não ser usual em língua portuguesa, cabe uma brevíssima apresentação:

[...] Os métodos de pesquisa arquivística incluem uma ampla gama de atividades aplicadas para facilitar a investigação de documentos e materiais textuais produzidos por e sobre organizações. No seu sentido mais clássico, os métodos arquivísticos são aqueles que envolvem o estudo de documentos históricos; isto é, documentos criados em algum momento de um passado relativamente distante [...]. No entanto, os métodos arquivísticos também são empregados por estudiosos envolvidos em investigações não-históricas de documentos produzidos por e sobre organizações contemporâneas, muitas vezes como ferramentas para complementar outras estratégias de pesquisa [...]. Assim, os métodos de arquivo também podem ser aplicados à análise de textos digitais, incluindo bases de dados eletrônicas, e-mails e páginas da web. [...] Os tópicos teóricos e as áreas substantivas de investigação às quais estes métodos são aplicados são ainda mais vastos – talvez tão vastos como o próprio domínio da ciência organizacional. Em suma, os métodos de arquivo podem ser pensados como uma constelação fracamente acoplada de esforços analíticos que procuram obter insights através de uma interrogação sistemática dos documentos, textos e outros artefactos materiais que são produzidos por e sobre organizações. (Ventresca; Mohr, 2017, p. 2)

Considerando Mohr e Ventresca (2017), os procedimentos de pesquisa arquivística incluíram a busca nos portais institucionais, tais como os da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Espírito Santo (SECULT), visando conhecer o que se registrou em âmbito governamental acerca das Bandas de Congo, e o portal de projetos da UFES, para extrair informações sobre o registro do PEC. Por fim, foram feitas buscas no Arquivo Setorial da PROEX, na unidade em que o PEC se aloca, para apreender as formas de produção, registro e arquivamento do que se produziu a respeito das atividades extensionistas junto às comunidades tradicionais praticantes do Congo.

### 3. O Congo a partir dos documentos: do registro histórico ao contemporâneo

Embora venham perdendo espaço perante os diversos fatores que ameaçam sua continuidade, tais quais o êxodo rural, as novas relações de trabalho e o avanço do fundamentalismo religioso que enquadra a cultura do Congo numa posição contrária ao cristianismo (Macedo, 2013), os praticantes dessa cultura mantiveram-na preservada em alguma medida por meio da regularidade das práticas culturais.

Entre o primeiro registro documental, feito por François-Auguste Biard em sua obra *Deux années au Brésil* publicada em 1862, e seu registro como patrimônio imaterial pelo Conselho Estadual de Cultura, em 2014, o Congo como cultura resiste porque abarca aquilo que Azevedo (1996) qualifica como tal, ou seja:

[...] conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo (Azevedo, 1996, p. 336).

Do que foi registrado sobre a cultura do Congo é possível remontar aos períodos históricos marcados pelo sequestro dos povos africanos pelos portugueses e espanhóis tanto na Colônia quanto no Império. Dentre as diversas comunidades tradicionais assentadas no território capixaba desde então, consideram-se relevantes ao estudo aquelas que mantêm as práticas das bandas de Congo. Lins (2009, p. 11) afirma que:

[...] as Bandas de Congo tem origem indígena. O Padre Antunes de Siqueira descreve uma das primitivas bandas de Congo em seu *Esboço Histórico dos Costumes do Povo do Espírito-Santense*. [...] essa é a primeira referência impressa que se faz de uma banda de congo, mas não a mais antiga.

Oliveira e Pirchiner (2015), citando Neves (2008), afirmam que nos relatos do bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria Lacerda, em visita ao Espírito Santo no século XIX, já havia menção às bandas de Congo. Eles complementam: “[...] Dom Pedro II, em fevereiro de 1860, que, ao observar o conjunto musical, desenhou nosso reco-reco de cabeça esculpida, anotando-lhe, inclusive, o nome: cassaca” (Neves [2008] *apud* Oliveira; Pirchiner [2015, p. 33]).

Capai (2009) descreve as bandas de Congo como grupos formados por homens e mulheres vestidos com uma indumentária própria, que percorrem um determinado itinerário em concerto com instrumentos típicos artesanais, dentre os quais se destaca a casaca. Segundo esse autor, os praticantes entoam cânticos e realizam práticas de dança típica em homenagem aos

santos de devoção, nomeadamente São Benedito, Santo Antônio e Nossa Senhora da Penha. Nesse rito cerimonial da festividade desses santos, destacam-se as figuras do “mestre de Congo” e das “rainhas do Congo”, que vão à frente do cortejo portando os estandartes. Esses representam o santo de devoção e a identidade da banda. White (2017) argumenta que esses praticantes são a comunidade que pode ser sub-representada, oprimida ou marginalizada nos registros e arquivos.

Em se tratando da marginalização, sub-representação e opressão, cabe destacar que as práticas relativas à cultura do Congo podem ser inseridas hoje no “discurso autorizado de patrimônio” (Smith, 2021, p. 141). Contudo, necessitam de ações de permanência e continuidade na vida cultural antes que no documento.

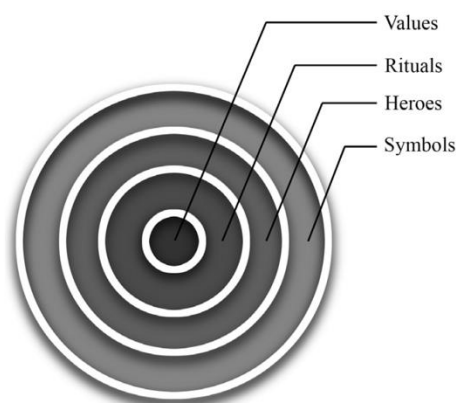
Patrimônio é um momento ou um processo de (re)construção cultural e social de valores e sentidos. É algo que acontece em sítios e lugares que, em linhas gerais, podemos definir como sítios patrimoniais, mas que não pode ser reduzido a coisas materiais. É um processo, ou de fato uma performance, em que identificamos valores e sentidos culturais e sociais que nos ajudam a dar sentido ao presente, às nossas identidades e aos sentidos de lugar físico e social. (Smith, 2021, p. 141)

Recorrendo às fontes bibliográficas que conceituam a cultura do Congo e localizam suas bandas territorial e temporalmente, pode-se compreender que parte dessa cultura é performada pelas comunidades locais como atos de memória no sentido de demonstrar a autenticidade comunitária, conforme entendida por White (2017). Essa autenticidade pode se firmar como demonstração da identidade capixaba por ampliação.

White (2017) compreende que a cultura, embora seja algo intangível, manifesta-se através das atividades da humanidade. De uma perspectiva arquivística, lembranças ou esquecimentos e os modos pelos quais as sociedades optam por fazê-los, são todos manifestados em algum tipo de registro (White, 2017). Tais são entendidos como evidências dessa cultura que, para efeito deste estudo, servirão de base para compreender a cultura das bandas de Congo, a partir dos documentos do PEC.

Para White (2017), a cultura é formada por símbolos, heróis, rituais e valores, e pode ser representada como uma cebola por possuir diversas camadas, como na Figura 1:

Figura 1: Modelo de cultura em língua inglesa



Fonte: White (2017, p. 361)

Como núcleo da cultura, “[...] os valores permeiam e influenciam todas as camadas culturais, moldando assim o que se torna uma manifestação tangível e visual da cultura” (White, 2017, p. 370, tradução nossa). O registro das diversas manifestações da cultura “[...] é o que deve ser o foco do arquivista” (White, 2017, p. 360, tradução nossa). Assim, a partir de práticas documentárias, nota-se que a primeira camada ou camada externa da cultura, correspondente aos símbolos, está nas fontes documentais (audiovisuais e fotográficas) que representam os estandartes, os instrumentos musicais, as indumentárias, e todo o *corpus* de artefatos que constitui a identidade das bandas de Congo.

Na terceira camada da cultura de White (2017), o ritual pode ser observado nos documentos como uma prática de mediação cujo objetivo é “[...] aproximar os artefatos culturais de seus públicos” (Aldabalde; Rodrigues, 2015, p. 67), permitindo a apropriação com casacas, tambores, apitos, estandartes, bombos, cuícas, máscaras, ferrinhos, chocalhos, pandeiros, indumentárias, mastro, colares, fitas e imagens. Neves (2008) documenta que:

E não há puxada de mastro (grande ou pequena festa sem barca, conduzindo o mastro aos ombros dos devotos) sem Bandas de Congo. Estas são grupos de homens rudes com rude instrumental sonoro: tambores, bombos, cuíca, chocalhos, ferrinhos (triângulos), pandeiros e “casacas”, sendo este último de procedência genuinamente capixaba. Aos sons desses instrumentos, homens e mulheres cantam velhas e tradicionais toadas, em que há referências a coisas da escravidão, Guerra do Paraguai, aos santos de devoção popular, às sereias do mar, ao amor e à morte. As Bandas de Congo persistem no Espírito Santo. Delas há notícias que datam do século XIX (Neves, 2008, p. 18).

Na segunda esfera de White (2017) estão São Benedito e São Sebastião, assim como Nossa Senhora das Alegrias, identificada localmente como Nossa Senhora da Penha. Segundo Capai (2009), os heróis são representados em estandartes e esculturas desses santos no seguinte contexto:

No dia ou na véspera do dia do santo, dá-se a puxada do mastro, já preparado e ornamentado para conservar no topo, depois de fincado, um quadro em forma de tela com a figura do santo. [...] o mastro vem dentro de um barco rústico, geralmente montado sobre um carro de bois, [...] ou transportado nos ombros, até à igreja diante da qual será fincado. Antes de ser fincado no local onde permanecerá por algum tempo, o mastro é atirado várias vezes para o ar e recebido nos braços dos devotos que dançam e cantam com entusiasmo. A descida do mastro somente ocorre meses depois, quando se dá por encerrado o ciclo de homenagens ao santo, [...] (Capai, 2019, p. 70).

Assim, na segunda esfera em White (2017) o ritual é associado com a terceira e também com a quarta esfera, pois o mastro é mediado como símbolo da parte que sobrou do navio negreiro que permitiu a chegada dos negros ancestrais com vida em solo capixaba.

A ação de mediação se inicia na mata, ao som de canções da cultura do Congo, com a seleção de uma árvore para que seja morta e seja feito um mastro de navio com seu “corpo”. Não se sabe se há um *corpus* de canções somente para a dita “derrubada”. Além disso, fogos de artifício com mais efeito sonoro do que luminoso também estão presentes nessa prática, que inicia a produção e apropriação do objeto cultural “mastro” quando ainda é um ser vivo no meio ambiente. Membros da comunidade acompanham, assistem e participam, interagindo com o grupo e compondo a prática de mediação dos elementos das esferas da cultura do Congo.

A festa pode ser caracterizada como efeméride, apontada por Aldabalde e Rodrigues (2015) como prática de mediação cultural. Essas práticas culturais são formas de mediar a cultura, pois representam um processo de construção da sociabilidade que são assumidas por sujeitos singulares em um espaço cultural (Lamizet, 1999).

Existe “[...] uma regularidade nesta prática cultural que remonta ao século XIX” (Neves, 2008, p. 19). Sabe-se, portanto, que existem determinados grupos inscritos em regiões geográficas específicas que se reúnem regularmente em datas simbólicas, utilizando uma vestimenta, instrumentos musicais e gestos próprios, e entoam ritmos e canções por eles conhecidas, percorrendo um determinado trajeto. Esse conjunto de práticas completa seu significado com elementos pertencentes ao próprio território no qual se circunscreve: a mata, a estrada, a igreja. Sob a perspectiva da memória, essas representações coletivas são instrumentos de um conhecer mediado que permite “[...] ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (Chartier, 2002, p. 20). Assim, entende-se que essas práticas performáticas [...] influenciam e informam a identidade pessoal e comunitária (Smith, 2006, p. 70). No caso das Bandas de Congo, as efemérides constituem o ritual que torna possível reviver e atualizar o passado coletivo por



meio dos símbolos, heróis e valores, enquanto as práticas documentárias contribuem para o futuro desse patrimônio.

### 3.1 O programa Entre Comunidades: documentação de práticas de mediação da cultura do Congo

A produção documental do PEC abarca a representação de práticas de mediação cultural (mediação da cultura do Congo) realizadas nas comunidades, que se comprovam por meio dos registros fotográficos e audiovisuais produzidos para utilização *a posteriori*. Isso não deixa de incluir o ato de informar, ou seja, transmitir informações acerca dessa realidade, reconhecendo que se trata de um patrimônio em construção.

"O congo representa um dos mais significativos e disseminados símbolos da cultura do Espírito Santo, estando presente em muitas outras manifestações culturais, mas pouco explorado como referência cultural das comunidades negras existentes" Santos (2016, p. 223). Portanto, nem o registro do Congo como patrimônio cultural imaterial pelo Conselho Estadual de Cultura nem as práticas documentárias do PEC por si só garantem a sua permanência e continuidade. Por isso, as práticas de mediação cultural realizadas pelo PEC concorrem para sua exploração no sentido de produção, reprodução e circulação, um fazer circular para a continuidade e a perpetuação da cultura das Bandas de Congo.

Tomando o Congo Capixaba como cultura no contexto racial, pode-se afirmar que se trata de algo complexo, que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, valores, costumes e hábitos adquiridos por práticas que indivíduos realizam no meio social. Assim, ao contrário do que aponta a teoria histórico-genética<sup>3</sup> (Bohmann; Niedenzu, 2020), a cultura não é biológica, mas, antes disso, comportamental e socialmente referenciada. Uma outra forma de definir cultura é olhar para as ações ou práticas usadas pela humanidade para produzir poder e atingir objetivos em relação a outras pessoas ou com o mundo natural (White, 2017). Isso parece coerente com as práticas do Congo em relação à Mata Atlântica e também as pessoas da comunidade e demais cidadãos, que são audiência do rito.

---

<sup>3</sup> A teoria histórico-genética reivindica poder explicar a gênese do modo de vida cultural humano a partir das condições iniciais da história natural. (Bohmann; Niedenzu, 2020)

Como a cultura não pode ser arquivada, é necessário conhecer as práticas e seu lugar na conservação e perpetuação do Congo como patrimônio imaterial. A preservação das práticas culturais depende diretamente da preservação desses espaços onde elas ocorrem e das suas dinâmicas sociais, o que implica preocupações acerca da manutenção do modo de vida e que requer “[...] diagnosticar e atender as demandas da comunidade [...]” (Oliveira; Pirchiner, 2015, p. 36) como forma de identificar os fatores que ameaçam sua permanência, pois sendo uma prática, “patrimônio é também uma performance corporificada” (Smith, 2021, p. 142).

Nas comunidades tradicionais em que se inserem as bandas de Congo, as ações do PEC funcionam numa metodologia que podemos classificar em três momentos. O primeiro deles consiste no estabelecimento de vínculos iniciais por meio de reuniões com os seus membros, onde os representantes institucionais apresentam sua proposta e, diante do aceite por parte da comunidade, iniciam o planejamento das atividades na comunidade.

O segundo momento ocorre por meio dos registros das práticas culturais das Bandas de Congo – a citar, os Festejos de São Benedito e São Sebastião – bem como das práticas de mediação cultural – exposições, rodas de conversa, fóruns, oficinas, dentre outras – sobre as quais se documentou, sobretudo, com documentos fotográficos e audiovisuais, tendo sido expresso como um dos objetivos do programa “apresentar ao público fotos do acervo do Programa, por meio do trabalho realizado durante a cobertura das manifestações culturais” (UFES, 2015).

E o terceiro momento seria a difusão e a mediação da Cultura do Congo, cujas evidências também são documentadas. Pode-se destacar as exposições, fóruns, rodas de conversa e publicações na internet como práticas de difusão e mediação para fins de reconhecimento social, inserindo tais grupos no rol do discurso autorizado do patrimônio. Ao analisar as práticas documentadas, foi possível elaborar o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Tipos de ações documentadas



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Como é possível observar, o Gráfico 1 quantifica e qualifica as ações de mediação realizadas pelo PEC no período de 2005 a 2019. Dos dados apresentados, é possível destacar o relevante número de ações de mediação da Cultura das bandas de Congo a partir dos documentos notadamente produzidos, as exposições de fotografias, os fóruns e as mostras culturais. Por outro lado, há ações das quais irão surgir novos documentos com possibilidade de uso em novas ações de mediação, a citar as rodas de conversa, as oficinas e, sobretudo, as festas.

Nesse encaminhamento de análise foi possível corroborar o que trabalha White (2017), ou seja, que os arquivos são artefatos culturais produzidos, definidos, significados e estabelecidos tendo em vista um determinado papel na sociedade. Em outras palavras, os arquivos são criados e formados como registros que contêm a cultura manifestada. Isso inclui um conjunto de valores, conhecimentos e outros elementos que são predominantes em determinados documentos de acordos com diferentes contextos, sendo relevantes para transmitir elementos culturais para as próximas gerações (White, 2017).

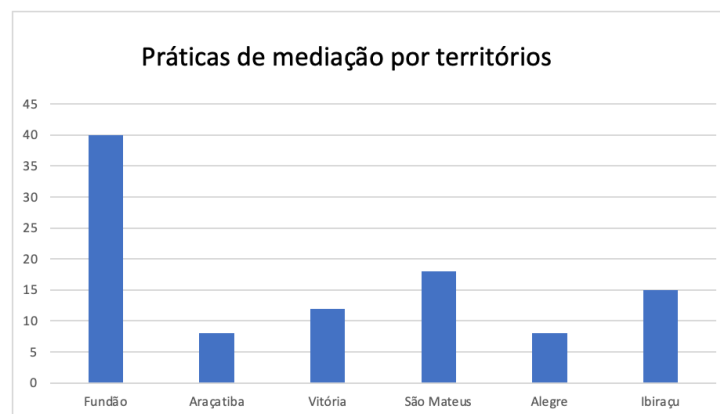
O que determina os processos de registro e processos arquivísticos é a própria cultura, pois o que é arquivado é moldado por ela. O gesto documentário é também um gesto simbólico que investe e compromete seu autor (Pianezza, 2018). Portanto, as formas dos arquivos são configuradas pela cultura e processadas para criações, usos e compartilhamentos, constituindo fragmentos de sistemas socioculturais em um movimento constante: emergindo, se chocando, diversificando, e se afastando (White, 2017).

No encaminhamento deste estudo também se deve considerar a cultura organizacional da comunidade extensionista. Nessa direção, Oliveira e Pirchiner (2015, p. 38) afirmam que “[...] para a efetivação do trabalho são realizadas visitas periódicas às comunidades durante os festejos, a fim de registrar com fotografias e filmagens as imagens do Congo”. Nessas visitas ocorrem encontros, diálogos, trocas, aproximações, participações, democracia cultural e democratização, alocando-se na categoria de mediação cultural.

Vale destacar que a preservação das práticas culturais depende diretamente da preservação dos meios (ambientais, territoriais, culturais e sociais) onde elas ocorrem e onde acontecem suas dinâmicas. Isso implica em cuidados com o modo de vida/hábitos e identificar os fatores que ameaçam sua permanência no tempo e no espaço. Percebe-se que esses elementos identitários associados a minorias tendem à marginalização, sobretudo pelos órgãos de fomento à cultura. Essa evidência, como já demonstrado, foi constatada em estudo de Pirchiner (2018).

Se tratando da permanência no espaço, julgou-se pertinente levantar ocorrências de práticas de mediação nos ambientes. O Gráfico 2 expressa o quantitativo dessas práticas desenvolvidas pelo PEC nas cidades capixabas.

Gráfico 2 – Distribuição das práticas de mediação por cidades



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Tendo por base os dossiês produzidos pelo PEC no âmbito dos objetivos do programa, foi possível realizar o mapeamento das práticas de mediação cultural realizadas. Nota-se que, dos municípios em que ocorrem as práticas culturais das Bandas de Congo, o de Fundão foi o com a maior incidência de eventos, seguido de São Mateus, Ibirajú, Vitória e, por fim, o distrito de Araçatiba, no município de Viana. Da pesquisa documental e arquivística foi possível identificar o maior volume documental referente ao município de Fundão, fato que em alguma

medida se justifica pela proximidade geográfica da universidade e da sede do programa em Goiabeiras.

É preciso destacar que tais documentos aqui significados na cultura científica podem ser ressignificados. Isso porque os arquivos não são estáticos, mas antes lugares de produção e reprodução cultural, de memória, e de atividades coletivas. Embora as práticas documentárias sejam relevantes para a permanência da cultura do Congo, não são suficientes para esse propósito e podem ser formadoras de “[...] acervo comprobatório da existência do grupo, garantindo visibilidade, reconhecimento, valorização e divulgação da sua cultura, uma riqueza que se perpetua através das gerações” (Oliveira; Pirchiner, 2015, p. 31).

Na análise do acervo se observa que o PEC, ao documentar e fazer circular as práticas culturais das Bandas de Congo, realiza uma dupla tarefa: insere essas práticas culturais para os espaços institucionalizados de produção de conhecimento, mas também em retroalimenta os seus atores através de uma “[...] ação capaz de promover a continuidade das práticas dentro das comunidades patrimoniais abrangidas por um projeto de inventário” (Pianezza, 2018, p. 247, tradução nossa).

Portanto, a partir das práticas de mediação cultural documentadas se pode depreender que os aspectos performáticos distinguem a cultura do Congo com a identidade capixaba. Uma das principais práticas de mediação cultural são as efemérides de São Benedito e São Sebastião, em que ocorre o ritual da fincada do mastro. Através dos documentos fotográficos, há retratado vestimentas, instrumentos e espaços. Desde os registros fotográficos mais antigos, encontrados na bibliografia, até os mais recentes, presentes no acervo documental do programa, tais elementos constitutivos da cultura do Congo permanecem evidenciados.

Dessa forma, como indica White (2017), essa cultura abarca celebrações, cerimônias, ritos de vida e morte, ou outros acontecimentos significantes em uma determinada cultura. Não sem motivo, no PEC os arquivos também documentam símbolos (Imagem 3) que representam a última camada da cultura: os artefatos, as palavras, a linguagem, os gestos, e tudo mais que possui um significado particular aos membros da cultura do Congo e na sua construção.

Fotografia 1 – Banda de Congo Mirim de Piabas/Irundi



Fonte: Acervo do 'Entre Comunidades' (2019)

No caso dos arquivos do PEC, verifica-se a representação dos heróis e heroínas que, para White (2017), compreendem o segundo nível da esfera que representa a cultura, associado ao reino mítico de homens e mulheres extremamente respeitados pela cultura, notadamente santos católicos.

Pensando o documento como espaço de mediação, por meio dos registros audiovisuais se pode apreender outros elementos da performance da cultura, tais como sons, movimentos, gestos, posturas, tendo por isso um vasto acervo desse gênero, na maioria em suporte digital.

Em resumo da análise da documentação produzida pelo Entre Comunidades, é possível conhecer aspectos essenciais da cultura do Congo por meio dos símbolos, heróis, rituais e valores, representados nos itens documentais que, como mencionado, são evidências da cultura.

#### 4. O efeito do documento da mediação

Considera-se, preliminarmente, que o programa extensionista confere materialidade às práticas culturais das bandas de Congo por meio das suas práticas documentárias, pois o “documento”, no entendimento de Frohmann (2008, p. 21), “nomeia e a materialidade da informação”. Concorre com esse entendimento Siqueira (2015, p. 107), ao afirmar que:

O fato da informação como fluxo ‘naturalmente’ precisar da materialidade do documento para se difundir e ser acessada, ou mesmo o documento, que só transcende de sua ‘materialidade’ ao tornar-se meio pelo qual a informação se consubstancia, são evidências de que entre documento e informação não há apenas proximidade, mas em certa medida uma relação simbiótica.

Da pesquisa arquivística foi possível constatar a existência de registros documentais sobre as bandas de Congo, mas também numerosos registros das práticas de mediação cultural realizadas pelos agentes institucionais a partir e sobre os documentos produzidos. Além disso, evidenciou-se o agenciamento dos documentos sobre os atores culturais, cujos efeitos abrangem uma série de ações que serão discutidas mais adiante. A essa reflexão, soma-se o significado social dos arquivos, na medida em que essa prática passa a ser reconhecida como produto cultural com sentido para as comunidades (extensionistas e tradicionais). Nesse ponto é que nos apoiamos na afirmação de Frohmann (2008, p. 22) de que “[...] estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação”.

Nesse sentido, tais documentos podem contribuir para o reconhecimento institucional da cultura do Congo por parte de organismos com poderes de norma e legislação sobre o que são ou não bens culturais na categoria de patrimônio. A esse respeito, Salaini e Graeff (2011, p. 172) complementam:

[...] a atribuição de ‘valor cultural’ a determinados bens, objetos e processos contribui não apenas para a produção de novos saberes e práticas, mas, sobretudo, para a multiplicação de pontos de vista sobre o papel do patrimônio na afirmação e redefinição de identidades nacionais, regionais e locais, materializando-se em objetos reconhecidos como identitários para uma dada comunidade.

Os valores em White (2017) estão presentes na camada mais profunda da cultura, que pode ser evidenciada na produção documental, resguardando os limites do registro de valores. Com isso parece ser possível indicar, conforme o autor, que os arquivos não documentam a cultura em si, mas evidências de práticas, saberes-fazer ou saberes e ofícios que decorrem do funcionamento da cultura.

Nesse contexto, o ato de documentar – para produzir ou reproduzir evidências da cultura, para perpetuar as representações das práticas, e para obter reconhecimento social – pode contribuir para o reconhecimento institucional das práticas culturais cuja documentação expressa parte dela manifestada, uma vez que a partir dos documentos a cultura ganha materialidade e estabilidade, entrando assim nas práticas sociais (Frohmann, 2007). Nisso se percebe como os documentos produzem efeitos nas vidas individuais e coletivas na medida em que a materialidade e a agência dos documentos mobilizam as práticas sociais. (Ferrando; Freitas, 2017). Vale ressaltar ainda que “[...] a atenção às práticas documentárias revela como documentos específicos, em tempos específicos, lugares específicos e em áreas sociais e culturais específicas se tornam informativos” (Frohmann, 2012, p. 248)

Isso está documentado no decurso das atividades do programa PEC. Um exemplo pode ser identificado nos documentos referentes à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Espírito Santo que publica com regularidade editais para o fomento da cultura capixaba, que abarca as bandas de Congo. É notável que nos dossiês produzidos pelo programa se encontram arquivados esses editais, bem como registros de oficinas promovidas junto às comunidades, por exemplo, pelo Projeto Assessoria à Bandas de Congo, cujo objetivo é capacitá-los a participar de tais editais. Para comprovar o pertencimento dos indivíduos às bandas de Congo, o programa concedeu declarações atestando tais vínculos.

Dessa forma, o acervo documental produzido insere as práticas culturais das Bandas de Congo em uma perspectiva sociocultural, onde se evidenciam as relações entre a sociedade e os documentos nela produzidos a partir de um efeito de informação gerado pela agência do documento (Ferrando; Freitas, 2017). E dessa forma, ao se verificar os efeitos dos documentos produzidos sobre as práticas das bandas de Congo, entende-se “a agência documentária como o poder que o documento tem de afetar as práticas sociais, ou seja, os efeitos de informação do documento” (Ferrando; Freitas, 2017, p. 10).

Esse aspecto sociocultural pode ser observado no objetivo documentado de uma das práticas de mediação educativa, na qual os indivíduos são envolvidos “num trabalho de co-construção documental” (Pianezza, 2018, p. 2) com valor mediador evidente.

Somado a isso, por meio da documentação consultada se constata que o PEC vai ao encontro do “[...] grupo social para construir um relato documental de si por si mesmo, e por outro lado, a construção do conhecimento sobre o patrimônio” (Pianezza, 2018, p. 2). A



exemplo disso, pode-se considerar os registros documentais das oficinas de fotografia realizadas nas comunidades de Araçatiba, Alegre, Ibiráçu, Fundão, São Mateus e Vitória. Essas oficinas produziram efeitos documentários nos próprios indivíduos praticantes do Congo Capixaba na medida em que passaram a produzir registros fotográficos e textuais, publicando-os em redes sociais e atuando diretamente na manutenção da cultura e da memória por meio da difusão dos seus valores, expressos nesses itens documentais. Essa agência insere tais valores no discurso da existência no meio digital e ali faz circular seus valores. Nesse sentido, Ortega e Saldanha (2019, p. 203) afirmam que:

[...] o documento relaciona, estabelece e produz poder. Por sua vez, é força de combate e de contraposição aos discursos hegemônicos, atuando como potencial energia crítica à substancialização do mundo informacional-digital em suas aparências virtuais, ou seja, em sua pretensa onipresença imparcial.

Cabe ressaltar ainda que um dos desdobramentos do PEC para o fortalecimento da cultura local, no incentivo às práticas culturais das bandas de Congo, foi a participação na criação do Museu do Congo em Piabas, em 2014. Já em 2018, verifica-se a presença do PEC na implantação do Núcleo de Cultura Quilombola na comunidade de São Pedro. Esses lugares se constituem, como principal referencial de memória para a comunidade, sobretudo a memória histórica que, para Pollak (1992, p. 204):

[...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é, também, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa e de um grupo em sua reconstrução.

A visita a esses lugares enquanto espaços de memória, tais como o Museu do Congo de Piabas e o Núcleo Quilombola de São Pedro onde por vezes os artefatos foram movidos de sua localização original, remetem os indivíduos à condição de pertencimento por meio da memória coletiva. Para Smith (2006, p. 235), a importância desses espaços reside no fato que:

[...] foram importantes para proporcionar um “teatro da memória” onde a lembrança e a comemoração não só pudessem ser feitas, mas também marcadas como legítimas e de significância e validade. O lugar de seu fazer confere legitimidade, tanto ao ritual da performance em si, quanto às memórias que foram objeto dessa performance.

Por meio da análise das fontes documentais, foi possível verificar que as ações do PEC contribuem diretamente na manutenção das práticas culturais das bandas de Congo, seja por meio da documentação produzida, na medida em que possibilita a fruição de direitos sociais e culturais, ou seja através das práticas de mediação cultural, que favorecem aproximação entre a academia e as comunidades no sentido de produzir conhecimento a partir dos saberes

populares. Considerando o Congo Capixaba como patrimônio cultural imaterial, Grigoletto e Murguia (2015, p. 7) afirmam que as práticas documentárias “[...] servem para classificar e criar existências diversas no corpo humano e social em historicidades específicas; servem para transformar a natureza ‘original’ dos objetos no campo do patrimônio”.

## 5. Considerações finais

Ao pensar o Congo capixaba como cultura se constatou que, ao invés do Congo se caracterizar como uma cultura negra, há uma cultura de bandas de Congo no estado do Espírito Santo produzidas por quilombolas e comunidades tradicionais. Ademais, foi possível identificar as seguintes práticas documentárias realizadas pelo PEC: registro para inscrever e consignar elementos de evidência das atividades; organização para o controle dos registros por meio de atas, cartazes, *folders*, listas de presença, fotografias e vídeos; e por fim, mediação para a comunicação e interação com os públicos. Em relação aos efeitos da documentação produzida no âmbito de suas atividades para a manutenção e permanência dessa cultura, destacam-se a institucionalização das bandas de Congo por meio de Associações, bem como a aquisição de instrumentos, melhoria dos espaços físicos comunitários e a captação de recursos por meio da participação dos mestres de Congo em editais públicos no setor da Cultura.

Adicionalmente, a partir de White (2017) foi possível mapear os símbolos, tais como as cores, os lemas inscritos nos estandartes, as figuras que adornam os instrumentos musicais e aqueles elementos presentes nas indumentárias, bem como todo o *corpus* de artefatos verificados como constituintes da identidade das bandas de Congo: os heróis, sendo São Benedito, São Sebastião e Nossa Senhora da Penha; os rituais, como a derrubada, a roubada e a fincada do mastro; os cortejos e as missas; e os valores éticos, estéticos e afetivos, cognitivos e pragmáticos (Menezes, 2009), mediados nas práticas de exposição, roda de conversa, fórum, visita e seminário (Aldabalde; Rodrigues, 2015).

Isso posto, conclui-se a partir da análise dos documentos produzidos pelo programa extensionista PEC que os artefatos de cultura elencados por White (2017) podem ser observados, identificados e mapeados, conforme se objetivou com este estudo. A perspectiva de Frohmann (2007) de que os documentos, ao mesmo tempo em que materializam as informações, produzem efeitos nas vidas individuais e coletivas, favorecem a compreensão da

documentação cujo estudo se debruça, tendo em vista que a documentação produz efeitos de agência e contribui para que a cultura circule e se perpetue.

Conclui-se também que a mediação cultural complementa as práticas documentárias, produzindo efeitos sobre a vida dos indivíduos na medida em que contribui para a preservação da sua cultura e identidade, ao mesmo tempo em que os insere em espaços formais, onde se torna possível a exploração econômica sustentável a partir dos elementos da cultura e dos efeitos sobre a memória dessa vida.

O estudo realizado permite propor como agenda futura novas abordagens sobre essa documentação, por exemplo verificar se o ato de documentar produziu efeitos sobre as práticas das bandas de Congo, pelo fato de dedutivamente elevar a circulação, a apropriação e a mediação dessa cultura, não somente em termos das coisas materializadas fisicamente – formando arquivos do Congo como DVDs com gravações de vídeos e fotografias, livros e outros documentos, sobretudo os dossiês do programa compostos por relatórios, ofícios, listas de presença de eventos, projetos, etc.; no âmbito do PEC (2005) – mas também das coisas não-materializadas, tais como as cantigas mantidas na tradição oral e todos os rituais dos quais participam as bandas de Congo, além de tudo o que concorre para sua perpetuação como cultura.

Outro desdobramento possível consiste em investigar a existência de práticas arquivísticas nas comunidades para pensar se a instituição não estaria, em suas práticas documentárias, reproduzindo a marginalização de uma cultura arquivística já sob periferização em detrimento dos padrões eurocêntricos e anglófonos do *recordkeeping*.

## Referências

ALDABALDE, Taiguara Villela; RODRIGUES Georgete Medleg. Mediação cultural no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 255-264, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-37862015000300007>. Acesso em: 26 jul. 2022.

AZEVEDO, M. **Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé**. São Paulo: Loyola, 1996.

BOHMANN, Gerda; NIEDENZU, Heinz-Jürgen. **Historisch-Genetische theorie**. Wiensbaden: Springer, 2020.

CAPAI, Humberto (Org). **Atlas do folclore capixaba**. Espírito Santo: SEBRAE/ES, 2009. Disponível em: <https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Publicacoes/Livros/Atlas%20do%20Folclore%20Capixaba.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

COSTA, João Batista de Almeida. A (des)invisibilidade dos povos e comunidades tradicionais: a produção da identidade, do pertencimento e do modo de vida como estratégia para efetivação de direito coletivo. In: GAWORA, Dieter *et al.* **Povos e comunidades tradicionais no Brasil**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2011, v. 1, p. 51-68.

COSTA FILHO, Aderval. **Quilombos e povos tradicionais**: grupo de estudos em temáticas ambientais. UFMG, Belo Horizonte, 2010.

FERRANDO, Thays Lacerda; FREITAS, Lídia Silva de. Documento e dispositivo: entre Bernd Frohmann e Michel Foucault. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Unesp, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125171>. Acesso em: 26 jul. 2022.

FROHMANN, Bernd. Multiplicity, materiality, and autonomous agency of documentation. In: SKARE, Roswitha; LUND, Niels Windfeld; VÅRHEIM, Andreas (Eds.). **A document (re)turn: contributions from a research field in transition**. [S. l.]: Peter Lang, 2007.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Orgs.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

FROHMANN, Bernd. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 09, n. 14, p. 227-249, 2012.

GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAU, Andrew J. (Eds.). **Research in the Archival Multiverse**. Victoria: Monash University Publishing, 2017. Disponível em: <http://www.oapen.org/search?identifer=628143>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GRIGOLETO, Maira Cristina; MURGUIA, Eduardo Ismael. As bases epistemológicas do patrimônio institucionalizado. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43727>. Acesso em: 22 jul. 2022.

LAMIZET, B. **La médiation culturelle**. Montréal: L'Harmattan, 1999.

LINS, Jacequay. **O Congo no Espírito Santo: uma panorâmica musicológica das bandas de congo**. Vitória, 2009.

MACEDO, Inara Novaes. A espetacularização do Congo no Espírito Santo. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, v. 3, n. 5, p. 87-106, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7686>. Acesso em: 18 jun. 2022

MENESES, U. T. B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In*: FORUM NACIONAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009, Ouro Preto. **Conferência magna**. Ouro Preto: IPHAN, 2009.

NEVES, Guilherme Santos. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

OLIVEIRA, Marlene Martins de; PIRCHINER, Juliana Casotto. Banda de Congo Piabas/Irundi: tradição e cultura. **Revista Guará**, Vitória, n. 4, p. 31-41, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/guara/article/view/11481/8054>. Acesso em: 03 jul. 2022.

ORTEGA, C. D.; SALDANHA, G. S. A noção de documento no espaço-tempo da ciência da informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. esp., p. 189-203, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/111821>. Acesso em: 28 jul. 2022.

PIANEZZA, Nolwenn. Le geste documentaire du chercheur indigène: production de traces et transmission des saviors. *In*: COLÓQUIO MUSSI, 4., 2018, Lille. **Anais [...]** Lille: Universidade de Lille SHS, 2018. p. 1-14. Disponível em: [https://mussi2018.sciencesconf.org/data/33\\_FR.pdf](https://mussi2018.sciencesconf.org/data/33_FR.pdf). Acesso em: 12 jun. 2022.

PIRCHINER, Juliana Casotto. **Banda de Congo Piabas/Irundi Do Espírito Santo: Educação, Ciência e Cultura**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564232/2/MPECM\\_%20Produto%20Educacion](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564232/2/MPECM_%20Produto%20Educacion). Acesso em: jul. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SALAIANI, Cristian Jobi; GRAEFF, Lucas. A respeito da materialidade do patrimônio imaterial: o caso do INRC Porongos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 36, p. 171-195, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000200008>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SANTOS, José Elias Rosa dos. Congos e Banda de Congos no Espírito Santo. In: MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 221-228. Disponível em: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros\\_FINAL\\_BAIXA.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros_FINAL_BAIXA.pdf) Acesso em: 24 mar. 2024.

SIQUEIRA, J. C. Informação e documento: relações simbióticas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 91-110, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/7675>. Acesso em: 03 ago. 2022.

SMITH, Laurajane. Desafiando o discurso autorizado de patrimônio. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, p. 140-151, 2021. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1957/749>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage**. Londres: Routledge, 2006.

UNESCO. **Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage**. 2003. Disponível em: <http://portal.unesco.org/science/en/>. Acesso em: 09 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Programa de extensão nº 323**: entre comunidades SIEX #500372. Vitória: Portal dos Projetos, 2015. Disponível em: <https://projetos.ufes.br/#/projetos/323/informacoes>. Acesso em: 12 jul. 2022.

VENTRESCA, Marc J.; MOHR, John W. Archival research methods. In: BAUN, J. A. C. **The Blackwell companion to organizations**. Oxford: Blackwell, 2017. p. 805-828. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/9781405164061.fmatter>. Acesso em: 12 jul. 2022

WHITE, Kelvin. Race and culture: an ethnic studies approach to archival and recordkeeping Research in United States. In: GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAU, Andrew J. (Eds.). **Research in the Archival Multiverse**. Victoria: Monash University Publishing, 2017. Disponível em: <http://www.open.org/search?identifier=628143>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Artigo submetido em: 08 fev. 2023

Artigo aceito em: 19 dez. 2023